

Na morte êle distribuiu  
vida—e mereceu a gratidão  
de uma nação inteira

JOSEPH P. BLANK

## Os Presentes de Gregory Menn

**U**MA ENFERMARIA pobre de hospital em Nápoles, na Itália. Um rapaz americano de 16 anos, magro, de cabelos castanhos, está no leito. Tem um tubo de ar na boca. Através dêle um pulmoter bombeia-lhe oxigênio para dentro e para fora dos pulmões, mantendo-o vivo. O pai do rapaz olha os olhos sem visão de seu filho.

—Parem com essa máquina—diz aos médicos.—Deixem meu filho partir.

Brilham lágrimas nos olhos dos dois médicos.

—Não podemos—diz um.—É contra a nossa consciência.

**PARA** a família Menn a viagem a Nápoles em dezembro passado tinha começado como umas férias maravilhosas. John Menn, advogado de 55 anos, sua mulher Nell e seus dois

filhos, Jonathan, de 17 anos, e Gregory, de 16, havia muito tempo que desejavam ver a Itália. Foram três dias deliciosos passeando em Roma. Na tarde de 31 de dezembro, John alugou um carro e descansadamente seguiu com a família para o sul, para Nápoles. Foi uma viagem divertida, cheia de pilhérias e risadas.

Os pais adoravam essas férias em família. Sempre acharam que era importante compartilhar tudo com os filhos “porque ficam com a gente só por determinado tempo, depois se vão para cuidar da sua vida, e as oportunidades de estar com êles desaparecem para sempre”. Nell costumava dizer aos filhos: “Alegro-me tanto por vocês terem vindo conosco.” Os dois meninos eram um prazer para ela. Gregory tinha um sorriso largo, radiante. Lia vorazmente, tocava violino e violão, era

um excelente marinheiro e preparava êle mesmo as lâminas do microscópio com algas dos rios.

Os pais e os meninos tinham muitas vêzes conversas sérias. Uma de tais conversas tinha ocorrido em junho passado depois de a família ter ouvido o pastor falar sôbre a morte. "Acontecerá a mim, a você, a todos nós", disse êle. "Devemos conversar a respeito."

A família Menn fêz isso. Os meninos concordaram em que um entêrro caro era insensato. Concluíram também que era prático e humano que as pessoas determinassem que na morte seus órgãos sadios fôssem utilizados para ajudar os vivos.

**Um Mundo Desfeito.** A morte não lhes passava pela cabeça seis meses depois na Itália. No dia de Ano Nôvo a família excursionou por Nápoles. No dia seguinte fizeram a viagem de uma hora até Pompéia, onde o guia Franco Di Rosa, de 35 anos, lhes deu uma aula sôbre os tesouros arqueológicos que o cercavam. Então o grupo começou a passear pelo foro de Pompéia. Quando passavam por um pequeno restaurante, Greg virou-se para a mãe e disse:

—Mãe, estou com a pior dor de cabeça que já tive.

—Há quanto tempo?

—Há uns 15 minutos. Estou enjoado do estômago.

John foi com o filho ao banheiro do restaurante. Greg vomitou, depois sentiu falta de ar.

—Papai, não . . . oh . . . —fêz o ra-

paz, e perdeu os sentidos nos braços do pai.

O dono do restaurante levou a família de automóvel para o hospital de Pompéia. Greg estava inconsciente. Dois médicos atribuíram o colapso a uma forte intoxicação alimentar. John ficou aliviado até que Greg começou a ter convulsões. Revirava os olhos descontroladamente, os lábios adquiriram uma côr azulada e o rosto ficou pálido e manchado.

—Pode ser que haja uma lesão no cérebro—disse um dos médicos. —Temos de levá-lo para a Policlínica de Nápoles.

Na sala de emergência da Policlínica um médico examinou Greg rapidamente, depois começou a massagear-lhe o coração externamente. Foi introduzido um pulmoter para fazer a respiração do rapaz. Eram quatro horas da tarde, sexta-feira.

A família estava aturdida. Seu mundo se desfizera. Evidentemente Greg estava em estado grave. Franco, que ficou com os Menn, servia de intérprete e fazia as perguntas de John aos médicos. Depois de alguns minutos de conversa êle disse a John:

—Disseram que Gregory estava morto, mas que agora está vivo.

Ninguém parecia ter um plano de ação.

Desesperado, John telefonou para o consulado americano na esperança de localizar algum médico americano e assim eliminar a necessidade de falar através de um intérprete. Por su-

gestão de um funcionário entrou em contato com o Hospital Internacional e falou com o Dr. Norberto Ferraino.

—Acontece que o grande neurocirurgião Francesco Castellano está aqui—disse-lhe o médico.—Gostaria que êle examinasse seu filho?

—Sim, por favor. Sim!

**Olhos Vazios.** Às 11 horas daquela noite chegou o Dr. Castellano e fêz testes com Greg. Depois voltou-se para John e disse com firmeza:

—Sinto muito. A situação é irreversível. Seu filho teve uma hemorragia cerebral.

—Quanto tempo tem ainda?

—Pode ser que minutos. Talvez horas.

O médico confirmou o que John já estava pensando: *Os olhos de Greg tinham-me dito a verdade. Era como olhar para o nada. Como dói ver aquêle nada. A gente se torna parte dêsse vazio. A gente parte também. Todo o sentimento desaparece. O que resta é o vazio. Êle estava tão feliz esta manhã. Tão vivo. E agora isto.*

Como dizer a Nell? Era meia-noite e êle sabia que ela estava inteiramente esgotada. Mas tinha de ser avisada.

Jonathan atendeu ao telefone e o pai disse-lhe:

—Greg está muito mal. Não vai voltar para casa conosco.—A Nell disse:—O neurocirurgião não tem esperanças. É uma questão de minutos ou horas.

—Vamos agora mesmo para aí—disse ela chorando.

Na enfermaria da Policlínica a mulher e o marido caíram nos braços um do outro. Nell era incapaz de aceitar o diagnóstico da morte de Greg. *Tinha* de esperar por um milagre. *Talvez Deus cuide dos meninos*—pensou.

Os pais e o irmão revezaram-se dormindo numa maca ao lado da cama de Greg. Às duas horas da madrugada John fêz um teste, passando a unha no braço esquerdo de Greg. Os músculos se mexeram! Êle repetiu o teste na sola do pé. Os dedos do pé se moveram! Correu para o corredor, encontrou um médico e mostrou-lhe as reações de Greg. *Algo está acontecendo!*—pensou John.

Os testes do médico também provocaram uma reação muscular.

—Algumas vêzes nós podemos tirá-los da sepultura—disse êle.

John fêz os testes com a unha diversas vêzes por hora, mas as reações foram ficando cada vez mais fracas e, finalmente, pararam. Após um longo silêncio, John perguntou mansamente à mulher:

—Se Greg morrer, não deveríamos fazer o que êle queria que fizessemos?

Ela compreendeu imediatamente e disse:

—Sim.

**O Desejo de um Filho.** Às nove horas da manhã os médicos entraram com um electroencefalógrafo. Fios elétricos foram ligados ao seu couro cabeludo para medir a atividade elétrica do cérebro. A máquina não registrou coisa alguma. A linha que

corria na tira de papel era reta e horizontal. O cérebro estava morto. Greg nunca recuperaria a consciência. Só o pulmão mantinha seu coração batendo temporariamente.

—Pode fazer outro teste?—pediu John.

De novo a linha foi reta.

—Por favor, só mais uma vez.

A linha continuou reta.

John olhou para Nell e conseguiu dizer as palavras:

—Não há nada ali.

—Êles não podem operar?—sugeriu ela.

—Não podemos iludir-nos, Nell—disse êle.—Vou tomar tôdas as providências.

John disse aos médicos:

—Era desejo de nosso filho, e é nosso desejo, que seu corpo seja usado para fins médicos. O corpo dêle é jovem e saudável e os órgãos podem ser valiosos para pessoas que precisem dêles.

Os médicos ficaram estupefatos. Nunca tinham visto tanto humanitarismo.

—Córneas—disse um médico.—Nós temos muitos pacientes precisando de córneas.

—E quanto ao resto? Coração? Rins?

—Não estamos equipados para fazer transplantes de rins. E é contra a lei fazer transplantes de coração.

—A Faculdade de Medicina pode usar o corpo dêle para estudo?

Os médicos abanaram a cabeça:

—Não, a não ser que a pessoa dê a permissão antes de morrer.

—Só as córneas, então?

—Sim.

—Então pare a máquina—disse John.

Êle achava inútil e cruel manter o corpo vivo quando Greg já não existia. Mas quando os médicos se recusaram, John disse:

—Compreendo.

Durante o dia todo êle sentiu um impulso cada vez maior de cumprir a vontade de seu filho. Na manhã seguinte os Menn visitaram o Hospital Internacional para pedir ao Dr. Ferraino ajuda para localizarem receptores de rins.

—Acho que podemos fazer alguma coisa—disse-lhes o médico.—Vou tratar disso.

Todo o domingo o Dr. Ferraino se devotou a vencer obstáculos burocráticos para a doação dos órgãos de Greg. Como transplantes de rins ainda não tinham sido feitos em Nápoles, foi procurada a segunda clínica cirúrgica da Universidade de Roma, que concordou em fazer os transplantes. Foram feitos arranjos rapidamente para transferir Greg para Roma de ambulância.

**Uma Revolução na Itália.** Greg sobrevivera mais tempo do que o Dr. Castellano previra. Então sua pressão arterial começou a baixar e o coração batia irregularmente. Os médicos cuidavam dêle. *Não deixe o coração parar agora*, suplicava John silenciosamente. O coração estabilizou-se.

No corredor um médico chamou John com um aceno. Estava na hora

de Greg partir para Roma. O pai entrou para ver o filho pela última vez. Acariciou-lhe o cabelo, depois voltou-se e pela primeira vez chorou.

Depois que a ambulância partiu, John disse ao médico:

—Há só uma última coisa: eu gostaria de conhecer os doentes que vão receber as córneas de Greg.

Em poucos minutos enfermeiros trouxeram Antonio Polizzi, um mecânico de 18 anos, e Giuseppe Piazza, de 16, filho de um lavrador. John apertou-lhes a mão e disse:

—Estou satisfeito por vocês receberem os olhos de um menino que viu belas coisas na vida e viu o melhor das pessoas. Espero que êles façam o mesmo por vocês.

Na noite seguinte o repórter de um jornal de Nápoles soube a respeito dos Menn enquanto registrava as atividades rotineiras do hospital. Na manhã seguinte o caso estava nos jornais de Nápoles. Através dos artigos percebia-se um tom de incredulidade. Era a primeira vez na Itália que um pai, italiano ou estrangeiro, tinha insistido com médicos para que transplantassem os órgãos de seu filho. Quando a família deixou o hotel, o porteiro abraçou-os.

Em Roma os Menn souberam que Greg havia morrido na segunda-feira de manhã cedo. Seus rins foram para Elisabetta Mattioli, uma dona de casa de 37 anos, e Vincenzo Benvenuto, porteiro de 40. Ambos haviam passado dois anos no hospital à espera de um rim. Na morte, as córneas de Greg foram removidas,

refrigeradas e enviadas apressadamente para Nápoles.

A história fêz manchetes em todos os jornais de Roma. Os italianos estavam espantados de admiração. *Il Messaggero*, importante diário de Roma, disse de John Menn: "A gente gostaria de apertar-lhe a mão, abraçá-lo e dizer-lhe—se êle ainda não soubesse—que seu ato comoveu tôda a Roma, tôda a Nápoles, o país inteiro."

No dia seguinte os Menn visitaram o hospital onde foram feitos os transplantes. O Dr. Raffaello Cortesini, que chefiava a equipe cirúrgica, apertou a mão de John efusivamente e disse:

—Isto é revolucionário na Itália. O povo está preparado para isto. O senhor fêz uma grande coisa pelo nosso país e o fêz quando precisávamos.\*

Depois de acompanhar os Menn até aos dois receptores dos rins, que choravam agradecidos, o cirurgião mostrou-lhes uma enfermaria de 40 doentes que precisavam de rins.

—Essas pessoas agora têm esperança.

Naquela noite os Menn viajaram para os Estados Unidos. Semanas mais tarde souberam que os transplantes tinham tido sucesso sem problema algum ou complicações. Benvenuto pudera sair do hospital e estava passando bem "graças ao grande coração e generosidade do seu Gre-

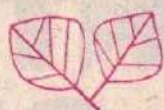
\* Um mês depois o Govêrno italiano promulgou uma lei permitindo transplantes de coração e pulmões.

gory". A Sr.<sup>a</sup> Mattioli escreveu: "Já estou bem e andando, e tornei a ter aquela sensação de bem-estar e alegria de viver que tinha perdido por tanto tempo." Tragicamente ela morreu em março passado de uma doença rara que afeta o cérebro: listerelose.

A reação na Itália às dádivas de Greg e a reação mais tarde em sua terra natal, onde uns 25 amigos e

conhecidos da família deixaram instruções para a utilização de seus órgãos, não diminuíram a dor dos Menn. Mas êsses fatos deram um significado à sua perda.

—Meu filho, meu amigo, minha alegria, fêz muito na vida e muito na morte—diz John Menn.—De certa maneira, êle não perdeu a vida. Êle a partilhou. E mostrou a outros como partilharem a dêles.



*Poder Jovem.* As universidades andam tão movimentadas que quando um estudante quer ficar sozinho vai à aula (G.F.C.)

"*O Temporal!*" Eu gostava muito mais quando o tempo marchava em vez de fugir (R.A.)

*Conhece Esta?* Do ator de cinema que não se esquece de levar no bolso um cartão com o aviso: "Eu sou uma celebridade. Em caso de acidente, chame um repórter" (O.R.) . . . Do camarada que disse ao ascensorista ao entrar no elevador: "Quero ir ao sétimo andar—se não ficar fora do seu caminho" (R.D.) . . . Do casal que estava com problemas de idade—ela não dizia a dela, êle não vivia a dêle (J.V.)

*Revelações.* De uma arqueologista: "Gosto do meu trabalho porque êle me faz sentir tão jovem" (M.G.V.) . . . No corredor do escritório: "Êle não sofre de úlcera, mas dizem que transmite" (L.M.B.) . . . Na televisão: "O mais importante quando se procura marido é saber se êle está procurando espôsa" (D.W., citado por E.W.)



CHEGAMOS atrasados ao cartório naquele dia. Jim ia ser testemunha para uns amigos nossos que se iam casar, e êle estava carregando no colo nosso filho, de 10 meses, quando entramos. Não sabíamos para onde nos dirigir e estávamos na entrada quando uma mulher parou e perguntou se queríamos alguma ajuda. "Licenças de casamento", disse Jim, ofegante. "Estamos um pouco atrasados."

—J. G. W.